
Nos pátios e salões: o associativismo nos arrabaldes de Bangu (1895-1929)

In the courtyards and halls: associativism in the arrabalds of Bangu (1895-1929)

Nei Jorge Santos Junior*

Resumo

Os caminhos delineados neste artigo são na direção de uma história cultural local, com objetivo de analisar o conjunto de experiências constituídas a partir das estratégias de organização dos clubes recreativos de Bangu, entre os anos de 1895 a 1929. Quanto ao recorte temporal adotado (1895-1929), levamos em conta as transformações ocorridas em tela, resultado de uma orientação que optou pelo estreitamento da relação lazer-trabalho. Foram utilizadas fontes de duas naturezas: periódicos publicados no Rio de Janeiro no recorte temporal apresentado e estatutos das agremiações da região. Acreditamos que este trabalho tem o potencial de ampliar nosso olhar sobre as estratégias de sociabilidade de uma importante região, os subúrbios da cidade.

Palavras-chave: Diversão; Associativismo; Bangu; Subúrbios.

Abstract

The paths outlined in this article are directed towards a local cultural history, aiming to analyze the set of experiences constituted from the organization strategies of recreational clubs in Bangu, between the years 1895 to 1929. Regarding the adopted time frame (1895 -1929), we take into account the transformations that took place on screen, the result of an orientation that opted for the narrowing of the leisure-work relationship. Sources of two types were used: periodicals published in Rio de Janeiro in the time frame presented and statutes of associations in the region. We believe that this work has the potential to broaden our view of the sociability strategies of an important region, the suburbs of the city.

Keywords: Fun; Associativism; Bangu; Suburbs

*Doutor pelo Programa Interdisciplinar em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor do curso de Licenciatura em Educação Física da FAC-Unilago. E-mail: edfnei@hotmail.com

Introdução

O primeiro sábado de fevereiro de 1926 foi de festa nos arrabaldes de Bangu. A comemoração do 17º aniversário da sociedade recreativa Prazer das Morenas despertou uma intensa alegria em boa parte do bairro, “fruto da simpatia que tal agremiação gozava entre os moradores da região”.¹ A fim de não ser desmentida “a invejável tradição do rancho da Rua Coronel Tamarindo”, seus diretores promoveram uma bela solenidade, “apresentando a sede no seu mais encantador aspecto”.² Para animar a festa, o clube contou com um dos mais barulhentos “jazz bands” de Bangu, “o invejável conjunto Sempre Firme, do ‘insigne’ clarinetista Annibal Carreiro”.³ Ao som de um variadíssimo repertório de sambas e foxtrotes modernos, a banda não dava “um minuto de tréguas aos adoradores da sublime arte de Terpsychore”,⁴ que prosseguiram “sempre animados até alta manhã”.⁵ Nas palavras do extasiado cronista do Jornal do Brasil, o grêmio, destacado como “ponto predileto das famílias da pitoresca localidade, sem fanfarrice e fanfarronadas, ocupava com galhardia o lugar de merecido destaque nos arraiais recreativos da nossa soberba Sebastianópolis”.⁶

O relato nos mostra traços das ações que movimentavam a vida festiva da região. Em Bangu, até pela distância geográfica,⁷ os clubes – dançantes ou esportivos – expressavam importantes elementos nas relações sociais estabelecidas entre sócios, moradores e trabalhadores.⁸ Acreditamos que, no cerne deste conjunto, revelou-se um movimento associativo que tinha no lazer sua principal motivação, um indício da importância desses grêmios na organização e configuração das atividades de tempo livre da localidade.

Habitado em sua maioria por trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil,⁹ Bangu mantinha características próprias comparadas às

¹ JORNAL DO BRASIL, 9 fev. 1926, p. 16.

² Idem, p. 16.

³ Idem, p. 16.

⁴ Musa da dança na mitologia greco-romana.

⁵ JORNAL DO BRASIL, 9 fev. 1926, p. 16.

⁶ Idem, p. 16.

⁷ O bairro, localizado na zona suburbana da cidade do Rio de Janeiro, fica numa distância aproximada de 31 km da zona central.

⁸ SANTOS JUNIOR, N. J. **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)**. 2012. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

⁹ Inaugurada no dia 8 de março de 1893, a Companhia Progresso Industrial do Brasil, - popularmente conhecida como Fábrica Bangu -, transformou-se rapidamente em uma das principais empresas no cenário têxtil nacional.

demais áreas da cidade.¹⁰ A região, outrora rural, ficava situada na freguesia de Campo Grande, uma das 21 freguesias que compunham a Capital Federal. Em 1895, o bairro contava com cerca de mil habitantes, sendo possível apontar um grande número de estrangeiros. Seis anos depois, o bairro contava aproximadamente com cerca de 6.300 habitantes, o que representou 55% de crescimento referente ao dado anterior. Deste número, Santos Junior ¹¹sustenta que 1.500 eram trabalhadores da Fábrica Bangu, o que mostra a importância da indústria como centro econômico catalisador, instituindo, concomitantemente, um polo produtivo e um mercado consumidor.

Foi no bojo de tal desenvolvimento que começaram a surgir as primeiras sociedades dançantes e esportivas na região. O primeiro clube, a Sociedade Musical Progresso de Bangu, fundado em 1895, por iniciativa dos operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, mudara significativamente a oferta de atividades festivas, com a promoção de bailes, eventos culturais e atividades esportivas.¹² Desde então, o número só crescia.

Em 1910, por exemplo, o bairro contava com um pouco mais de vinte e cinco associações, fossem elas de caráter esportivo como o Sport Club Americano, o Esperança Foot-ball Club e o próprio Bangu Athletic Club, fossem aquelas diretamente dedicadas às atividades dançantes ou carnavalescas como a Flor da Lyra, o Casino Bangu, a Flor da União e o Grêmio Prazer das Morenas.¹³

Nesse cenário, constatou-se a formação de novos traços de sociabilidade, relacionados não só a uma nova organização do espaço urbano, até pouco tempo rural, como também ao fortalecimento e à gestação de uma identidade não homogênea de classe trabalhadora, que redefiniu as práticas de entretenimento da região. Acreditamos que foi justamente através das experiências adquiridas no interior das sociedades banguenses que os trabalhadores criaram elos de interação e interconexão na construção de uma identidade operária possível.

¹⁰ SANTOS JUNIOR, op. cit.

¹¹ Ibidem.

¹² A NOTÍCIA, 27 set. 1901; PEREIRA, L. A. M. O Prazer das Morenas: bailes ritmos e identidades no Rio de Janeiro da Primeira República. In: MARZANO, A. e MELO, V. **Vida Divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

¹³ Para alcançarmos esse número, utilizamos o quadro de associações do Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro, entre os anos de 1904 a 1912, tendo o bairro de Bangu como sede, disponibilizado pela Fundação Biblioteca Nacional, por meio de seu sítio de Internet. Além disso, analisamos pedidos de licença enviados à Secretaria de Polícia do Distrito Federal e estatutos de clubes recreativos, disponíveis no Arquivo Nacional.

Isso significa, como sugere Thompson,¹⁴ compreender os trabalhadores enquanto intelectuais orgânicos no contexto do processo de formação das redes de sociabilidade, baseado em um conjunto de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados. Em outras palavras, será a partir das experiências compartilhadas por esses sujeitos sociais que buscaremos compreender os processos de socialização.

A partir das observações colocadas, este trabalho tem por objetivo analisar o conjunto de experiências constituídas a partir das estratégias de organização dos clubes recreativos de Bangu, na tentativa de projetar olhares mais amplos sobre a região.

Quanto ao recorte temporal adotado (1895-1929), levamos em conta as transformações ocorridas em Bangu ao longo desse período, resultado de uma orientação que optou pelo estreitamento da relação lazer-trabalho, através de um modelo que foi adotado rapidamente em outras fábricas do país. O ano de 1895 justifica-se pela fundação da primeira agremiação local: a Sociedade Musical Progresso de Bangu, composta por operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil.¹⁵

Já o ano de 1929 justifica-se por se tratar do ano marcado por nova orientação da Companhia Progresso Industrial do Brasil quanto ao uso da propriedade territorial e sua articulação com a estrutura fabril. A adoção da nova estratégia, agora de alienação patrimonial, contribuiria para desencadear o processo de retalhamento de terras nas propriedades da Companhia e faria emergir o bairro Bangu, agora sem ligação direta com a fábrica. Após esse processo, Bangu passava, aos poucos, de “cidade-fábrica”, a se transformar em um subúrbio carioca incorporado à dinâmica do Rio de Janeiro, modificando, portanto, o seu arranjo espacial e, concomitantemente, social.¹⁶

Com este estudo espera-se lançar um olhar sobre algumas importantes dimensões que marcavam os subúrbios na transição dos séculos XIX e XX. As sociedades recreativas fabris, embora se manifestassem como espaços de trabalhadores, que se constituíam em torno do lazer, ainda recebem poucos olhares em suas especificidades, notadamente em bairros suburbanos como Bangu. Acreditamos que um olhar sobre suas especificidades

¹⁴ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa III: a força dos trabalhadores*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

¹⁵ A NOTÍCIA, 27 set. 1901.

¹⁶ OLIVEIRA, M. P. de Quando a fábrica cria o bairro: estratégias do capital industrial e produção do espaço metropolitano no Rio de Janeiro. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*. Barcelona, vol. X, n. 218, p. 51, Agost. 2006. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-51.htm>> Acesso em: 14 dez.2013.

possibilite compreendê-las como uma prática social, pois desconsiderá-las é ignorar as tensões do mundo dos trabalhadores, no momento em que o cotidiano fabril era transposto por situações em que atividades de lazer e lutas sindicais se entrecruzavam.

O associativismo em Bangu: muito mais que clubes

No dia 15 de março de 1915, por volta das 21 horas, foi descrita como “esplendida a “Soirée” oferecida no interior dos “magníficos salões” do Casino Bangu.¹⁷ O conjunto da obra foi um sucesso, como sempre acontecera nas festas arrabaldinas. Contudo, a referida noite teve um tom especial, pois fora abrihantada pela “afinadíssima” Caravana Musical, há pouco fundada na região, “bastante aplaudida pelo brilhantismo com que se apresenta em público”, descrevera o entusiasmado cronista.¹⁸

É bem verdade que a rede de entretenimento não era uma exclusividade do bairro banguense. A antiga capital federal vivia um período de efervescência cultural, em que as influências do cosmopolitismo conviviam com elementos das tradições populares, oriundas das várias províncias e regiões brasileiras. Neste cenário, repleto de transformações, crescia significativamente o número de associações ligadas ao lazer. A cidade contava aproximadamente com um número de 1.600 associações que se autodenominavam dançantes, esportivas, carnavalescas e, em menor número, culturais e educacionais, demonstrando que o hábito de associar-se já fazia parte de uma tendência facilmente observável no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX.¹⁹

Todavia, por mais geral que fosse esse crescimento progressivo em número, sistematização e importância no cotidiano popular, a relação estabelecida no interior dessas agremiações e o modo como eram simbolicamente apropriados pelos seus sócios revelavam suas singularidades. Isso significa que os clubes compostos por membros da elite carioca, que atraíam não somente segmentos da aristocracia, mas também comerciantes e estrangeiros ligados a órgãos diplomáticos, eram substancialmente diferentes daqueles organizados nos subúrbios da cidade. Em Bangu, por exemplo, “à noite o pessoal se divertia dançando ou apreciando as retretas da Sociedade Musical nas ruas do bairro”.²⁰ As principais bandas da região eram compostas por

¹⁷ A EPOCA, 15 mar. 1915, p. 6.

¹⁸ Idem, p. 6.

¹⁹ FONSECA, V. M. M. **No gozo dos direitos civis: associativismo no Rio de Janeiro (1903-1916)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

²⁰ GUIMARÃES, M. **Uma rua chamada Ferrer**. Rio de Janeiro: Grêmio Literário José Mauro de Vasconcelos,

trabalhadores da fábrica, fazendo-se presentes em todos os eventos e bailes organizados na região, “atraindo gente de todas as cores, crenças e idades”, como descrevera, em seu caderno de memórias, o Sr. Murillo Guimarães, um antigo frequentador dos clubes do bairro”.²¹

Todavia, é importante perceber que a diversidade e a mobilidade socio-cultural que integram a lógica dessa interação, embora nos permitam avaliar diferentes índices de construção de laços e sentimentos de pertença, num determinado contexto, não devem ser extrapolados para a proposição de uma identidade homogênea, claramente associada à ideia tradicionalista e romântica de comunidade.²² Nessa perspectiva, não se nega as ações organizadas e dos movimentos institucionalizados como importantes formas de atuação política entre os indivíduos. Pelo contrário, apenas lança-se um olhar para uma outra dimensão, que é tão legítima quanto aquela, e que permite uma análise da forma em que os sujeitos vivenciaram suas próprias experiências e o que pensavam sobre elas. Enfim, uma reflexão sobre ações e representações constituintes de uma história desenhada pelos próprios atores que a protagonizaram, resultado de um ponto de vista mais amplo sobre o multifacetado mundo do lazer. Vejamos o exemplo da fundação do Casino Bangu, uma das principais sociedades dançantes do bairro.

O 1º de maio de 1907 foi atípico para os operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil. A fábrica suspendeu suas atividades para a comemoração do dia internacional dos trabalhadores, repleto de celebrações e novidades. Entre elas, a inauguração de um belo jardim e, talvez, a mais importante de todas: a abertura da nova sede do Casino Bangu.²³

A animação ficou por conta da banda de música Progresso de Bangu, que viera animar “a encantadora festa”.²⁴ Após um rápido discurso do diretor João Ferrer, a missão ficou por conta da Sra. D. Carolina da Costa Pereira, esposa do comendador Costa Pereira e responsável pelo corte da fita que atravessava o portão central.²⁵ A partir daquele momento, “ao som de alegres marchas”, estava inaugurado o belo jardim da fábrica.²⁶ Após algumas horas, os Srs.

1996, p.18.

²¹ GUIMARÃES, op. cit., p. 18.

²² SANTOS JUNIOR, op. cit.

²³ GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 mai. 1907.

²⁴ Idem, p.3.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem.

Comendadores Costa Pereira e João Ferrer chegaram ao edifício do Casino, que recebia os retoques finais para a sua inauguração.²⁷

Fundado em 24 de janeiro de 1895, por iniciativa dos Operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, com o nome inicial de Sociedade Musical Progresso, mudado, em assembleia de 7 de janeiro de 1906, para Casino Bangu, o clube era um dos principais espaços da vida festiva da região.²⁸

O prédio foi construído pelos próprios trabalhadores da fábrica, uma espécie de símbolo do “maior esforço que se pode imaginar daquela gente ativa e boa”, como descrevera o cronista.²⁹ De acordo com Silva,³⁰ seu estilo era neoclássico, com fachada em calçada, em que as esquadrias superiores não acompanhavam as esquadrias inferiores e as platibandas eram delimitadas por frisos na fachada, que era construída (ou formada) em alvenaria de pedra com paredes de tijolo pintado sobre as mesmas.³¹

Seu interior era composto por um amplo salão com pequenas salas laterais. O espaço ocupava toda a altura do primeiro e segundo andares e se impunha como um dos vastos salões do começo do século XX, principalmente aqueles que se referem à cidade do Rio de Janeiro.³² Nas palavras do entusiasmado jornalista que descrevia o evento, “o seu velarium de veludo negro-rubro esconde um palco *chic* em que se ostentam cenários do inteligente e hábil artista Dumienne”.³³ A cobertura e a parte interna eram sustentadas por pilares de ferro; já o forro e o piso eram formados de pinho de riga, bem como todas as esquadrias. Toda a decoração foi feita pelo Sr. José Villas Boas, com guirlandas de gesso dourado e grades lustres de ferro com mangas de cristal.³⁴

Depois tiveram lugar as danças. As bandas da Fábrica e dos Bombeiros tocavam sem cessar. De acordo com o cronista, o baile correu no maior entusiasmo e as danças se prolongaram até alta madrugada.³⁵

De fato, os clubes recreativos se apresentam como uma das formas mais tradicionais de associativismo na sociedade brasileira. Originados por

²⁷ Idem.

²⁸ *Estatutos do Casino Bangu*, aprovados em Assembleia Geral realizada em janeiro de 1906.

²⁹ GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 mai. 1907.

³⁰ SILVA, G. A. A. **Bangu**: a fábrica e o bairro. Um Estudo Histórico (1889-1930). Dissertação – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1985.

³¹ GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 mai. 1907.

³² SILVA, op. cit.

³³ GAZETA DE NOTÍCIAS, 3 mai. 1907.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

diversos interesses, fossem físico-esportivos, políticos, culturais ou sociais, os clubes concorreram para a delimitação de dissensões, fazendo emergir “outras identidades”, que coexistiam, mas que em alguns momentos podiam sobrepujar aquela habitualmente associada ao espaço em que esses trabalhadores ocupavam no interior de um sistema mais extenso.

No caso de Bangu, a influência da Companhia Progresso Industrial do Brasil nos clubes, em função de sua participação objetiva na sobrevivência dos mesmos, asseverava a dimensão do controle exercido sobre seus operários, não circunscrito do trabalho à moradia, mas, sobretudo, potencializado por sua presença no espaço de lazer desses trabalhadores. Contudo, é importante destacar que o auxílio material proporcionado pela fábrica Bangu aos clubes da região se instituiu através da associação entre as partes. Uma relação que, embora fosse quase sempre determinada pelo respeito aos representantes das fábricas, não significava passividade e resignação, mas uma apropriação por parte dos operários-associados do discurso dos diretores, como uma estratégia para alcance de seus interesses mais imediatos. No entanto, essas ações não eram restritas ao Casino Bangu, pois, em geral, a fábrica exercia, diretamente ou indiretamente, sua influência por todos os clubes recreativos do bairro.

As sociedades dançantes banguenses

Em 05 de março de 1899, fora fundado, na Estrada Real de Santa Cruz, casa 254, o Grêmio Carnavalesco Flor da União, pelos operários Manuel Carreira de Medeiros, Ibrahim da Cruz Tavares e Manoel Pereira de Lima, com fins de criar diversões carnavalescas e familiares aos seus associados.³⁶

Mais do que ser simplesmente uma agremiação formada por operários da Companhia Progresso Industrial do Brasil, o Flor da União mostrava através dos estatutos indicadores do caráter amplo do clube, “o qual pode pertencer todas as pessoas desde que sejam dignas e honestas sem distinção de nacionalidade, religiões, cor, ect.”³⁷ Longe de ser um elemento pormenor, essa marca étnica estava na própria base de identidade construída pelos sócios do clube.

De certa forma, o primeiro artigo dos estatutos deixava claro que todos os trabalhadores do bairro poderiam a ele se incorporar, mesmo sendo eles negros ou imigrantes como era grande parte dos operários da fábrica. Acreditamos que, ao explicitar em seus estatutos a intenção de representar

³⁶ O PAIZ, 9 fev. 1907, p.3; O PAIZ, 19 fev. 1909, p.4; Arquivo Nacional.Estatutos do Grêmio Carnavalesco Flor da União, 1904; JORNAL DO BRASIL, 17 fev. 1908.

³⁷ Arquivo Nacional. Estatutos do Grêmio Carnavalesco Flor da União, 1904.

um quadro mais geral, sem qualquer tipo de distinção, o clube apresentava um meio de afirmação das relações étnicas e sociais existentes no bairro.

O próprio texto presente nos estatutos, com alguns erros de português, assim como o artigo LIV, inciso II, definindo que nas eleições de diretoria “os nomes que oferecerem dúvidas na leitura ou aqueles que estiverem truncados” não seriam apurados, evidenciava por fim o perfil social dos membros do clube, quase todos trabalhadores analfabetos ou semialfabetizados que não tinham pleno domínio da chamada linguagem culta.³⁸

Desse modo, ainda que “qualquer indivíduo” pudesse ingressar em suas fileiras, não era nenhum acaso que explicitassem na escolha de seus próprios nomes a identificação com o bairro operário, revelando um eixo de associação e identificação entre esses trabalhadores bastante peculiar, como forma de organizar-se a partir de sua apropriação do espaço. Ademais, outro item também nos chamaria a atenção. Ainda no Artigo LIV, desta vez inciso único, trazia o seguinte destaque: “também pode ser sócia honorária as moças ou senhoras que prestam serviços relevantes ou donativos, etc.”, isto é, um item ausente nos demais estatutos dos clubes da região.³⁹

É importante salientar que o corpo de diretores dos clubes dançantes era praticamente todo formado por homens, fora os títulos oferecidos aos benfeitores, como era o caso do benemérito e honorário. Dessa forma, ter a possibilidade exposta no estatuto de uma mulher ingressar nesse quadro já revela, ainda que hipoteticamente, a abertura proposta pelo Flor da União. Talvez, não seja exagero vermos no próprio uso do nome “união” um símbolo que revelava não somente as características da localidade – na qual ex-escravos e seus descendentes se misturavam a brancos pobres e imigrantes de várias nacionalidades –, como também o sentimento de pertença que despertava em seus associados, apontando a centralidade que esses elementos de sociabilidade e lazer assumiam na vida dos habitantes da região. Tratava-se, portanto, de uma sociedade que poderia ser composta por trabalhadores de baixa renda, que ganhavam com o clube um espaço próprio de articulação, independente da Fábrica de Tecidos do bairro da qual quase todos eram empregados.

Em 1900, outra sociedade fora fundada: o Club Carnavalesco Flor da Lyra, com o objetivo de “proporcionar aos seus associados diversões em épocas apropriadas à sua espécie e outros divertimentos a juízo de sua administração”.⁴⁰ Com sede no Marco Seis, a sociedade, também formada

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

⁴⁰ Arquivo Nacional. Estatutos da Flor da Lyra, 1903.

majoritariamente por empregados da fábrica, além de desfilar por toda região banguense, fazia-se presente em várias festas na região suburbana, estabelecendo relações muito próximas com agremiações de Campo Grande, Santa Cruz e Realengo.⁴¹

Sempre recebendo destaque pelos préstitos nos principais veículos da imprensa carioca da época, o clube também demonstrava interesse por outras práticas de lazer. O futebol, por exemplo, fazia parte do cotidiano de seus associados, participando de campeonatos e jogos amistosos na região, entre eles, o Torneio Intimo, organizado por “veteranos footballers” de Bangu:

Alguns “old sportmen” banguenses, tendo à frente os veteranos “footballers” Wenceslau Carreiro, Olívio Carvalho, Oscar Lemos, Mario Reis Cervelho, A. Pillar, Gentil Gonçalves e Olympio Teixeira, organizaram um interessante torneio de football cujos teams terão as designações das principais sociedades de Bangu, como sejam: Lyra, Casino, Caravana, Prazer das Morenas, Flor da Mocidade e Grêmio Philomatico, e disputarão partidas desse jogo pelo sistema Metropolitano.

Os Jogos terão lugar em o campo do Esperança F.C. e para hoje já estão escalados os teams Lyra e Philomatico, dando-se o “kick-off” às 9 horas.

Atuará nesse encontro o capitão da Caravana, Gentil Gonçalves, e representará o comitê o representante do Casino, Oscar Lemos.⁴²

Na companhia de outros clubes, a Flor da Lyra marcou presença em vários torneiros da região. Sendo assim, um ponto mostra-se, no mínimo, curioso, notadamente pelo fato de que o clube, assim como o Casino Bangu, a Caravana Musical, o Prazer das Morenas, a Flor da Mocidade e o Grêmio Philomatico Rui Barbosa tem em comum: ambos são grêmios dançantes e carnavalescos, tendo na preparação de bailes e festas as suas principais atividades. Ou seja, um indicativo importante para lançarmos olhares mais atentos sobre a multiplicidade de entretenimento oferecido não só no bairro de Bangu, mas, sobretudo, por toda a zona suburbana ainda nas primeiras décadas do século XX.

Ademais, a reunião das “principais” sociedades da região para um torneio de futebol expõe duplamente o gosto pelo associativismo e pelo antigo esporte bretão. Levando em consideração a notícia publicada sobre o torneio, conseguimos identificar que os “old sportmen” citados pelo jornalista já fizeram, ou ainda faziam parte do quadro de associados de várias agremiações. Talvez, o caso do professor Gentil Gonçalves seja o mais curioso.

⁴¹ CORREIO DA MANHÃ, 17 out. 1906.

⁴² O IMPARCIAL, 29 abr. 1917, p.11.

O primeiro registro foi encontrado em 1905, ingressando ao quadro de associados do Casino Bangu.⁴³ Posteriormente, encontramos uma solicitação feita ao Bangu Athletic Club, aprovada em sessão realizada 2 de outubro de 1914, a pedido do sócio proponente e amigo Sr. Guilherme Pastor, que também era filiado ao Casino.⁴⁴

O *sportmen* banguense também atuou por diversas vezes como referee pelos campeonatos da Liga Metropolitana, não só nos jogos do Bangu A. C., como também nas partidas disputadas pelo Esperança F. C, clube o qual fora representante por anos. Isto é, até o momento já identificamos a relação de Gentil Gonçalves com três agremiações da região, sem contar a participação assídua como membro da comissão da Liga Metropolitana.⁴⁵

Sempre elogiado por parte da imprensa carioca por suas ações “imparciais”⁴⁶ e “competência”,⁴⁷ Gentil, que também era professor, mantinha-se na linha dos principais juizes da comissão da Liga Metropolitana, arrancando, em vários momentos, aplausos por suas atuações justas:

O jogo do 1º “team” teve começo às 16horas, sob a direção do juiz sr. Gentil Gonçalves, que procedeu com justiça, recebendo, por isso, muitos aplausos dos espectadores, que saudaram igualmente ambas equipes pelo modo correto com que se portaram durante os 80 minutos de jogo.⁴⁸

No entanto, as relações do professor suburbano com as práticas de lazer no bairro não param por aqui. Além de compor o quadro de docentes da escola local, sócio do Bangu A. C., Esperança F.C, Casino Bangu e membro da comissão da Liga Metropolitana, Gentil Gonçalves também fundara, em abril de 1915, a Sociedade Caravana Musical, ocupando o cargo de presidente por anos.⁴⁹

De fato, percebemos que muitos personagens circulavam entre as sociedades locais. Acreditamos que a prática de dupla ou tripla associação, ou seja, sócios que faziam parte de dois, três ou até mesmo quatro clubes, como foi o caso do professor Gentil, era muito comum na região. Havia muitos exemplos que mostram essa escolha. Contudo, é importante salientar que,

⁴³ Estatutos do Casino Bangu, aprovados em Assembleia Geral realizada em janeiro de 1906.

⁴⁴ Acta da Sessão da Diretoria do Bangu Athletic Club de out. de 1914.

⁴⁵ A EPOCA, 22 de abril de 1915.

⁴⁶ GAZETA DE NOTÍCIAS, 22 out. 1911.

⁴⁷ A EPOCA, 22 ago. 1913.

⁴⁸ A EPOCA, 30 abr. 1914, p.5.

⁴⁹ A EPOCA, 22 abr. 1915.

mesmo com essa convivência inicialmente amistosa, não deixa de ter conflitos entre associados de clubes recreativos em Bangu.

Outra associação que surgiu, ainda nos primeiros anos do século XX, foi Grêmio Carnavalesco Estrella da Aurora, com sede também no Marco Seis. De modo muito semelhante, o clube foi fundado em 2 de dezembro de 1905, com fins de “proporcionar aos seus associados diversões em épocas apropriadas à sua espécie e outros divertimentos a juízo de sua administração desde que estes sejam morais e honestos”, era uma das principais associações da região.⁵⁰

Composto por trabalhadores da fábrica, assim como os demais clubes citados, o grêmio se concentrava apenas na realização de bailes dançantes e carnavalescos, sendo o último, um dos seus principais objetivos. O número de sócios era limitado, não havendo qualquer item discriminatório, mas uma preocupação com a lotação do espaço.⁵¹

A admissão era simples e feita por indicação de um associado mais antigo à comissão julgadora. Juntamente com o pedido, o pretendente deveria mencionar nome completo, estado civil, profissão e residência.⁵² Após ser avaliado e recebendo o parecer positivo, o indicado deveria arcar com a mensalidade de mil réis, podendo a partir daquele momento frequentar a sede social; assistir com suas famílias a todos os divertimentos do clube, uma vez que estivessem quites com suas mensalidades; concorrer para constituição das assembleias gerais, ordinárias e extraordinárias; votar e ser votado para cargos de diretoria, desde que estivessem em condições de elegibilidade e quites com suas mensalidades.⁵³

Contudo, apesar da igualdade exposta em seus estatutos, o quadro de sócios era dividido em três classes: contribuinte, honorário e benemérito. Seriam sócios contribuintes aqueles admitidos pela comissão diante de um pagamento de um mil réis. Os sócios honorários seriam os que prestaram serviços relevantes à associação reconhecidos em assembleia geral. Por fim, eram considerados beneméritos aqueles que além de relevantes serviços prestados, fizessem ofertas superiores a quantia de R\$ 500:000, quinhentos mil réis.⁵⁴ É importante salientar que tanto os sócios honorários como os beneméritos estariam isentos da mensalidade, no entanto, não poderiam ser votados para compor o quadro de diretores.

⁵⁰ Arquivo Nacional. Estatutos do Estrella Aurora, 1905, p. 2.

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

Uma outra associação que gozava grosso prestígio na região era o Grêmio Dançante Carnavalesco Prazer das Morenas. Fundado em 04 de março de 1909, com sede na Rua Coronel Tamarindo, número 647, o clube tinha como fins “proporcionar aos seus associados, em sua sede ou fora dela, festas carnavalescas e outras diversões, compatíveis com o caráter da sociedade”.⁵⁵ Além desses objetivos, apontados quase copiosamente por outras associações, o Prazer das Morenas destacava, em seus estatutos, alguns pontos poucos comuns, pelo menos oficialmente, em outros clubes:

Estimular por todos os meios, que exista entre todos os seus sócios a máxima distinção para evitar preconceitos entre os mesmos, sendo imposta a eliminação aos que a isso derem causa; concorrer aos festejos carnavalescos, organizando, para isso, prêmios, alegóricos e críticos; realizar em sua sede, pelo menos, 5 bailes anualmente; manter em sua sede, para recreio de seus sócios, toda espécie de jogos não proibidos por lei; manter uma biblioteca acessível ao público; manter uma escola que ministre, gratuitamente, instrução primária a quantos procurarem; promover outras quaisquer reuniões, que possam constituir divertimento para os seus associados.⁵⁶

No mínimo, dois objetivos, dos seis apresentados pela associação, mostram-se pouco habituais comparados aos demais clubes da região. Manter uma biblioteca e uma escola “que ministre, gratuitamente, instrução primária a quantos procurarem” revela uma preocupação com a formação de seus associados e seus pares. A população da freguesia Campo Grande sofria com quantitativo significativo de analfabetismo nos primeiros anos do século XX. Todavia, coincidência ou não, esse índice se transformou completamente se levarmos em conta o período em que a escola fora implementada.⁵⁷ De acordo com os dados do Recenseamento de 1920, a freguesia mudaria seu patamar, pois dos 52.328 residentes na região, 22.087 sabiam ler e escrever.⁵⁸ Isto é, 42,20% da população, um número expressivo comparado ao índice nacional, que era de apenas 24,45%, incluindo brasileiros e imigrantes.⁵⁹

Certamente, não podemos estabelecer qualquer relação direta entre a diminuição do número de analfabetos e a unidade escolar criada pelo grêmio. Além de não termos dados suficientes que sustente a relação, estaríamos desconsiderando algumas iniciativas deste cunho implementadas desde 1905,

⁵⁵ Arquivo Nacional. Estatutos do Grêmio Dançante Carnavalesco Prazer das Morenas, 1917.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ O bairro já contava com outras escolas, entre elas a Escola Rodrigues Alves, fundada em 1905 para filhos de operários da fábrica.

⁵⁸ Recenseamento Geral de 1920, p. 464-465.

⁵⁹ Idem.

notadamente com a inauguração da Escola Rodrigues Alves, que inicialmente servia apenas aos filhos de operários da fábrica.

Ademais, outro ponto nos chamou ainda mais a atenção. Tratar sobre preconceitos num ambiente recheado de imigrantes e negros sinalizava uma preocupação com o *modus operandi* local. Até o momento, somente a Flor da União havia destacado a inclusão de pessoas, independente da nacionalidade, religião ou cor, para compor suas fileiras.

Isto posto, acreditamos que tais evidências não são meros devaneios colocados em seus estatutos. A rivalidade entre estrangeiros e brasileiros estabelecida em Bangu causava alguns problemas não só no interior da fábrica, mas, sobretudo, em festas realizadas pelos quatro cantos da região arrabaldina. Fossem brigas por desavenças, questões religiosas ou pelos altos salários recebidos por alguns estrangeiros, o fato é que as notícias dos periódicos da época inclinavam-se na tentativa de macular os verdadeiros motivos dos conflitos do bairro fabril. No entanto, é possível encontrar cisões entre trabalhadores de diferentes nacionalidades, como o caso ocorrido em 18 de novembro de 1891, envolvendo um imigrante britânico e um alemão. Vejamos:

William John Fordyre, empregado da Fábrica de Tecidos do Bangu, foi agredido e ferido, em 14 do corrente mês, por seu companheiro de trabalho, o alemão Hermes Henrique Frederico Stives, que se julga ser desertor da brigada policial. A autoridade local prendeu e lavrou auto de flagrante delito contra o ofensor, enviando o ferido para a Santa Casa de Misericórdia.⁶⁰

De acordo com Molinari,⁶¹ o conflito se tornava ainda mais tenso quando se tratava das diferenças salariais entre estrangeiros e brasileiros. Para o autor, “por mais que esses técnicos têxteis parecessem intocáveis em relação ao restante do operariado, que não poderia jamais competir com eles em conhecimento e, conseqüentemente, em remuneração”, não havia meios para frear a indignação daqueles que não recebiam o mesmo privilégio.⁶² Esse descontentamento chegou a ser revelado pelo Jornal do Brasil, em 15 de junho de 1915, em carta anônima de um suposto operário da Companhia Progresso Industrial do Brasil, a qual lançava críticas ferrenhas ao administrador português Eduardo Gomes Ferreira pelos altos salários pagos aos trabalhadores britânicos.⁶³

⁶⁰ JORNAL DO BRASIL, 18 nov. 1891, p. 1.

⁶¹ MOLINARI, C. **Mestres estrangeiros; operariado nacional**: resistências e derrotas no cotidiano da maior fábrica têxtil do rio de janeiro (1890 - 1920). 2015. 259 f., il. Dissertação (Mestrado em História) —o Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

⁶² *Ibidem*, p.73.

⁶³ JORNAL DO BRASIL, 15 jun. 1901, p.2.

Já que o sr. Diretor da fábrica do Bangu entendeu diminuir as despesas da companhia, não teve caráter humanitário diminuindo salários dos pobres trabalhadores que sofrem horrores e necessidades.

Mas, sustenta homens sem habilitação alguma, assim como o intitulado pelo diretor mestre dos teares que ganha a fabulosa quantia de 1:000\$ mensais, e o celebre mestre de maquinas e oficinas, que recebe 1:100\$; não nos referimos a este por ser o tal mecânico de inteligência rara, que só mesmo o Dr. Ferreira poderá analisar, porque s. s. tanto procurou que encontrou homens do uma cultura digna de elogios.⁶⁴

Ao que tudo indica, a ideia de estabelecer relações mínimas de convivência, não somente para o bom funcionamento das atividades do clube, como também para a própria unificação de força na luta por melhores condições de trabalho, tenha tido desdobramentos positivos. Além de adquirir um número maior de sócios, o clube adquiriria cotidianamente a simpatia local, o que poderia causar uma autonomia no que se refere aos donativos oferecidos pela fábrica. Para Pereira, o prestígio alcançado pelo Prazer das Morenas garantiu o apoio de grande parte dos comerciantes arrabaldinos, que “não hesitavam, a cada carnaval, em patrocinar os desfiles do clube”.⁶⁵

Além disso, o orgulho da identidade mestiça que o acompanhara desde sua fundação, revelou-se, rapidamente, num importante aliado que garantiria o seu funcionamento. Talvez, a própria escolha do nome “Prazer das Morenas” já seria uma forma de simbolizar o ambiente multicultural presente do cotidiano do clube, somado a tentativa de homenagear as mulheres mestiças da região.

Nesse sentido, não é de se estranhar, como sustenta Pereira,⁶⁶ que o Prazer das Morenas adentrasse a década de 1920 como a principal sociedade dançante de Bangu, contando, até mesmo, com apoio dos principais periódicos da época. Um exemplo dessa relação amistosa pode ser visto na cobertura do baile em homenagem ao Sr. Silvio Silveira, conhecido entre os ranchos carnavalescos como Cyclone, um dos membros da turma de cronistas do *Jornal do Brasil*.

O baile foi realizado no recém reformado salão da Rua Coronel Tamarindo, com todos os preparativos que já era habitual nos eventos realizados pelo Prazer das Morenas. Cyclone, como era carinhosamente chamado

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ PEREIRA, L. A. M. O Prazer das Morenas: bailes ritmos e identidades no Rio de Janeiro da Primeira República. In: MARZANO, A. e MELO, V. **Vida Divertida**: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 296.

⁶⁶ Ibidem.

nos subúrbios da cidade, fora homenageado pelos serviços prestados ao clube banguense nas colunas do Jornal do Brasil.

O dedicado auxiliar da seção do Jornal do Brasil, segundo o cronista que cobriria a festa do dia, foi aguardado nas grades da via férrea pelas senhoritas Cesariana Silva, Cremilda Silva, Odoladina Cardoso, Isidora Brito, Adelaide Silva, Margarida Rezende, Dolores Bianch, Maria Telles e pela diretoria. Ao chegar a sede, foram erguidos “entusiásticos vivas ao Jornal do Brasil, ao Sr. Silvio Silveira, e a Turma de Cronistas Carnavalescos, ao som de uma linda marcha executada pelo bloco Sempre firme”.⁶⁷

A festa seguiu animada até alta manhã, abrilhantada como de práxis pelo bloco “Sempre Firme”, do insigne clarinetista Annibal Carreiro (Lord Chupetinha), e de que fazem parte os artistas Deocleciano Honório dos Santos (Supimpa), Nicolau Granado (Seu Nico), 1º violão de Bangu, Belmiro José Sant’ Anna (o célebre Bombardino Chicote), Benedicto Lacerda, Ismael de Almeida, Jorge Fagundes, Manuel Paschoal da Silva (vulgo Alvorada carnavalesca), Alfredo Rangel, Gastão Pereira, Roberto Olympio (Frusuleta), Marçal Coelho e Ludovico Poncio - o célebre.⁶⁸

Após horas de muita dança e boa música, inspirado, Guilherme Pastor, em belíssimo improviso, saudou o homenageado em nome da diretoria e das pastoras, “pondo em destaque a sua ação pela causa do engrandecimento das sociedades recreativas dos subúrbios”. Diante de tamanho carinho, Cyclone, não se conteve. “Em poucas palavras, com olhos marejados de lagrimas”, afirmava que “por mais que o procurasse ignorava qual o verdadeiro motivo dessa significativa prova de apreço dos seus amigos do Prazer das Morenas, pois reafirma que nada tem feito a não ser justo cumprimento do dever, seguindo o programa desta folha”.⁶⁹

Além da boa relação com as colunas de entretenimento da época, a agremiação também contava com o apoio da fábrica. Analisando periódicos e estatutos, conseguimos identificar vários de seus associados entre o corpo de diretores da companhia. Talvez o caso mais notável seja o do Sr. José Gonçalves Teixeira, um dos fundadores da agremiação.⁷⁰

Ao final do baile realizado em 6 de fevereiro de 1926, isto é, o mesmo oferecido ao cronista Cyclone, o Sr. José Gonçalves Teixeira, um dos fundadores da sociedade, anunciou que renunciaria ao cargo de presidente após

⁶⁷ JORNAL DO BRASIL, 9 fev. 1926, p.11.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem.

quatro anos à frente do clube. Nas palavras do antigo diretor, o novo cargo que ocupara na Companhia Progresso Industrial do Brasil o impediria de se dedicar por completo à agremiação, como sempre havia feito.⁷¹ Para seu lugar, assumiria, respeitando os estatutos, o vice-presidente e também funcionário da fábrica, o Sr. Arlindo Salino, dando continuidade ao vínculo estabelecido entre a companhia e o grêmio.⁷²

Inicialmente, dois pontos nos chamam a atenção. O primeiro, a relação amistosa entre imprensa e clube, motivada pela concepção de valores morais ali apregoados, que se assemelhavam àqueles que se buscava instituir no âmbito do carnaval carioca da época. No segundo ponto, a relação patronal estabelecida entre clube e fábrica, quase uma unidade, em que diretores da fábrica também assumiam cargos de chefia em clubes. Esse ponto, aliás, não está circunscrito ao Prazer das Morenas. Pelo contrário, conseguimos identificar até com certa facilidade, seja por estatutos, atas ou até analisando as listas de diretores publicadas com frequência pelos principais órgãos da imprensa, a ligação entre fábrica e sociedades.

Acreditamos que ao delimitarem a espacialidade a qual estavam inseridos, essas agremiações aproximavam-se de um universo comum na sua organização. Entretanto, esse ambiente partilhado não o tornava invariável, longe disso, pode-se constatar pequenos traços que as diferenciavam, configurando assim experiências singulares na composição por parte de seus associados, presentes não só na elaboração de alguns itens nos estatutos do Prazer das Morenas, como também pelo próprio Flor da União.

Por essa razão, havia, de fato, a existência de contextos diferenciados em Bangu, sobretudo na composição social de seus associados. Nota-se que o valor da mensalidade cobrada era considerado baixo, de apenas mil réis – no qual pode-se apurar em todos os estatutos das agremiações citadas –, sobretudo se comparados, por exemplo, aos cinco mil-réis habitualmente cobrados por associações mais refinadas, como o Fluminense Foot-ball Club ou o Vienense Club. Garantia, desse modo, a possibilidade de participação nos clubes de qualquer grupo de trabalhadores, independente do cargo ou excluídos de outras associações por motivos financeiros. Destacava-se, portanto, a natureza inclusiva dessas associações, receptível para incorporação dos diferentes tipos de trabalhadores que compunham a força de trabalho local.

⁷¹ Idem.

⁷² Diário Oficial. Extracto dos Estatutos do Grêmio Dançante Prazer das Morenas, 1922.; JORNAL DO BRASIL, 9 fev. 1926.

Todavia, cabe salientar que embora todos os estatutos das sociedades de Bangu evidenciassem a possibilidade de qualquer indivíduo, sendo ele “moral” e “honesto”, conseguir compor seus quadros sociais, na prática acreditamos que elas expressassem uma identidade com pequenos traços privativos, sendo algumas formadas por diretores de alto escalão, outras por trabalhadores com salários mais precários.

Acreditamos que não levantar indícios sobre essa relação, por menor que seja, pelo menos referente aos clubes dançantes, talvez seja desconsiderar características expostas nas entrelinhas dos estatutos das sociedades de Bangu. Em outras palavras, seria compreender as redes de sociabilidades da região de forma homogênea, sem qualquer tensão criada entre seus associados. Afinal, dificilmente a inclusão de itens que revelam questões sobre integração racial, étnico e social viriam à tona sem qualquer cisão criada anteriormente, seja ela vivida no trabalho, no dia a dia do bairro, ou até na exclusão de algum quadro de associados.

Mesmo assim, a política adotada pelos clubes da região demonstra a composição variada que os caracterizavam. Suas ações produziam um estilo de vida singular, traduzindo o momento em que um grupo projetava simbolicamente sua representação do mundo. Além disso, eles constituíam no espaço a noção de pertencimento entre sujeito e bairro, compartilhando experiências e extratos da vida coletiva. Tal diversidade resultou em uma vida cultural dinâmica e multifacetada, marcada por um bairro que ainda tecia novas redes de sociabilidade. Os exemplos desses festejos são indícios de como os clubes recreativos ocuparam um lugar de destaque em Bangu, como descreveu o cronista da Gazeta de Notícias em 1907:

Bangu é uma pequena cidade operária, com uma população de seis mil e tantas almas aproximadamente.

Todo o seu território – enorme anfiteatro cujo recinto é demarcado pelos elevados cerros que se alteiam em redor – é de propriedade da fábrica de tecidos, e os seus habitantes, todos, são homens do trabalho, operários, que tiram os seus proventos desse grandioso estabelecimento, uma das glórias da nossa indústria.

São os modernos feudatários, mas sem a opressão das de outrora, gozando de todas as regalias do homem livre de hoje, com uma vida à parte, confortável e tranquila, ignorando o que sejam as agruras dos seus irmãos operários de outros estabelecimentos e países.

A palavra “operário”, como modernamente se concebe – cortejada pelas dores, sofrimentos e miséria, que fazem o homem operário mau e feroz -, não pode ser aplicada ao operário brasileiro, máxime, ao que tem a felicidade de viver e trabalhar na fábrica de Bangu.

As diversões em Bangu são dadas pelos clubs que lá existem. Imagine-se, pois, o que é uma festa ali, onde se reúne o inglês, o francês, o italiano e o brasileiro branco e de cor na mais ampla cordialidade, na mais encantadora harmonia, que não é perturbadora pela distinção de posições sociais e de outros prejuízos abomináveis. Todos ali têm um fim, divertem-se, têm um dever, portarem-se bem; porque lá estão os seus diretores solícitos e prontos, dispensando a todos eles amabilidades, atenções e tanta cousa, tanta que até parecem seus companheiros beber quando são seus dirigentes.⁷³

Mesmo apresentando uma visão romântica da região, a matéria nos mostra indícios sobre a lógica de articulação inicial desses clubes. A diversão local, a princípio, ficava por ponta das associações, expondo, inicialmente, a importância dessas na construção de elementos na conformação de uma identidade local. Na verdade, trata-se de uma das principais formas de organização de lazer associadas às camadas populares e, talvez por isso, configurou-se através da relação e da mediação um conjunto heterogêneo de valores e de estilos de vida.

De fato, esses clubes estabeleciam pontes entre grupos e suas realidades, uma vez que expressavam as dimensões dos papéis sociais e o confronto dos símbolos que eles significam. Dessa forma, ainda que no texto fossem caracterizados como fruto da “encantadora harmonia” assegurados por seus diretores, ou até mesmo de seus auxílios diretos, tratava-se claramente de um espaço de organização autônoma – através do qual constituíam suas redes de sociabilidade, capaz de ampará-los nas dificuldades cotidianas através do princípio da mutualidade.⁷⁴ Isso porque, como bem aponta Thompson,⁷⁵ a noção de “reciprocidade”, nas suas diferentes variações, tem sido útil na abordagem das relações de troca que motivavam associados e diretores a se envolverem nas organizações mútuas, constituindo uma alternativa importante introduzida na abordagem do fenômeno associativo.

Além disso, acreditamos que a experiência associativa presente nesses grêmios representava um nível significativo da capacidade de organização das camadas populares na luta por melhores condições de vida, trabalho e lazer.

⁷³ GAZETA DE NOTÍCIAS, 12 dez. 1907, p.5.

⁷⁴ No livro *Culturas de Classe* (2004), Cláudio Batalha volta-se para a análise da cultura própria dos diferentes tipos de associações de trabalhadores, partindo da distinção básica entre “cultura militante”, “cultura associativa” e “cultura de classe”. Nesse sentido, adotamos o conceito de cultura associativa, na qual remete ao hábito de associar-se. cf. BATALHA, C. H. M. *Cultura Associativa no Rio de Janeiro da Primeira República*. In: _____; SILVA, F.T.; FORTES, A. (Org.). **Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas: UNICAMP, 2004.

⁷⁵ THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Como vimos, esses clubes funcionavam como *locus* de agregação de identidades e interesses compartilhados, reforçando os laços de solidariedades horizontais, e edificando espaços de sociabilidade e lazer para seus integrantes. Um exemplo dessas ações pôde ser visto no festival realizado em 27 de setembro de 1919, pela diretoria do Grêmio Flor da União.⁷⁶

O baile, realizado na sede do clube, buscava arrecadar fundos em benefício de alguns sócios que passavam dificuldades financeiras. Para obter a quantia desejada, a diretoria realizou um tombola⁷⁷ com cinco prêmios. Sendo eles: o 1º prêmio um relógio, o 2º prêmio 50\$000 em dinheiro, o 3º prêmio um belo par de jarras, o 4º prêmio um guarda-chuva e por fim, o 5º prêmio, uma bengala.⁷⁸ Em seguida, teve início à anunciada noite dançante, abrilhantada pela banda composta de operários que, muito animada, prosseguiu além da meia-noite.⁷⁹

Esse tipo evento era marcante entre os grêmios da região. A cultura associativa caracteriza-se como fenômeno ligado às transformações sociais, políticas e econômicas que afetam sobremaneira as condições de vida de determinados grupos sociais, localizados no tempo e no espaço. Entre as diversas estratégias de associação que tais agentes constroem com o objetivo de resolver coletivamente determinado problema comum ao grupo, estão aquelas destinadas ao amparo e auxílio mútuo de seus associados em momentos de privações materiais, como vimos meses depois, no festival dividido em cinco animadíssimos bailes, realizado pela União dos Operários em Fábricas de Tecidos.

Desta vez, o objetivo era arrecadar fundos “em benefício de vários operários sem trabalho”, sorteando um tombola cujo prêmio era um edifício novo, situado a Rua Industrial, nº 11, no valor de 4:500\$000.⁸⁰ Dentro deste fim, a causa imediata de associação parte da necessidade econômica da pessoa ou de sua família. Contudo, estas circunstâncias extrapolam a dimensão do privado, pois afetam uma série de trabalhadores e suas famílias ao mesmo tempo, o que os motivam a se reunirem em grupos organizados.

Sendo assim, a partir do momento que se organizam em associações, novos códigos de pertencimento aparecem e as demandas sociais contemplam

⁷⁶ BANGU-JORNAL, 28 set. 1919, p.2.

⁷⁷ Espécie de loteria de sociedade praticada com fins beneficentes e em que premia o apostador que acertar um total de números estipulados.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ Idem.

também perspectivas de representação política e *status* social. Nesse sentido, os clubes da região banguense mostram-se proficientes, pois, definidos como entidades esportivas, carnavalescas, culturais ou recreativas, isoladas, portanto, diretamente, do mundo do trabalho, trouxeram em suas fundações e em seus primeiros tempos – e, ainda hoje, pela memória de seus sócios – as marcas dos trabalhadores que tomaram a iniciativa de criar os clubes e que ocuparam por décadas – como aconteceu com vários deles – cargos em sua direção, ao mesmo tempo em que trabalhavam na Companhia Progresso Industrial do Brasil. Acompanhar as mudanças pelas quais as associações foram passando a partir de suas atas, bem como a diversidade dos eventos que realizavam, significa tentar captar flagrantes desses entroncamentos entre trabalho e lazer, sem hierarquizá-los, identificando nuances que se relacionam às trajetórias singulares dos sujeitos.

Considerações finais

A busca pelo divertimento nos arrabaldes de Bangu pode ser sentida desde os anos de 1895, quando foi fundada a primeira agremiação recreativa local: a Sociedade Musical Progresso de Bangu, criada pelos operários da Fábrica de Tecidos da região. Esses trabalhadores, dos mais variados níveis, participaram da criação de outras associações ao longo dos anos, algumas com características mais estritas, outras, declaradamente multiculturais. Na tentativa de elucidar a relação desses fenômenos com sua construção cultural, apresentamos a possibilidade de análise do cotidiano das experiências formadas ao redor das diversões em Bangu, entre os anos de 1895 a 1929, buscando entender como o lazer se estabeleceu para esses indivíduos e em que medida ele foi um elemento de constituição de identidades sociais mais amplas, fossem aquelas de classe, de pertença ou de etnia.

A partir das discussões travadas ao longo do texto, percebemos que a experiência de viver em Bangu se deu de forma complexa e plural. Contrariando a perspectiva de homogeneidade das vilas operárias, em Bangu havia diferenças de etnia, condição social, cor, gênero, que tinham um papel determinante no convívio social, não só no ambiente fabril, mas desdobrando-se também nos bailes e festas realizados pelos clubes da região. Ao longo daqueles anos, o “laborioso bairro” vivenciou disputas individuais, porém não menos coletivas, por melhores salários, por posições de poder e *status* locais, e pela paixão clubista.

Dessa forma, a ideia de que os clubes seriam áreas alheias ao movimento por melhores condições de trabalho e vida, sendo, portanto, o espaço da

festa neutralizador de gestos e atitudes de enfrentamento das estratégias de dominação do patronato, não se sustenta quando o foco se volta a relações e experiências estabelecidas entre operários e sociedades. Acreditamos que analisar essas experiências sob o olhar da diversão, e não sob algum modelo criado *a priori*, possibilita problematizar a fundo as redes de sociabilidades fomentadas naqueles espaços, haja vista o seu protagonismo em ações objetivas e simbólicas, as quais permitiram pluralizar e tencionar um sentimento de pertencimento e identidade local.

Artigo recebido para publicação em 02/10/2019
Artigo aprovado para publicação em 19/05/2020